

ENTRE ESPÍRITOS, ENCANTADOS E ASSOMBRAÇÕES: NARRATIVAS E IMAGINÁRIO POPULAR, A EXPERIÊNCIA VIVIDA E A HISTÓRIA COMPARTILHADA, NOS DISCURSOS ORAIS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS DE BENJAMIN CONSTANT – AMAZONAS

ISMAEL DA SILVA NEGREIROS¹; ROGÉRIO REUS GONÇALVES DA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – e-mail:maelufambc@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – e-mail:rosa.rogeriogoncalves@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A constituição dos espaços sociais, sejam eles imaginários ou não, nos permite pensar e possibilita compreender a relação espacial entre humanos e seres intangíveis, que confinados e marcados por símbolos, representações sociais, cosmologias, espíritos, assombrações, encantados e ancestralidade, reforçam a sociabilidade no meio terrenal, em um processo marcado pela relação cultural e social. Permitindo através dessa conexão a compreensão de tais práticas, que ultrapassam tempo, espaço, vivência e fronteiras simbólicas, torna-se o encontro do real imaginado, na manutenção e na manipulação de uma cultura, cujo discurso é fortalecido pela oralidade e pela experiência de ter vivido entre dois mundos o terrenal e o imaginário, fortalecendo as relações e as redes sociais por meio do compartilhamento de histórias.

Partindo desse entendimento, este ensaio antropológico faz parte de inúmeras reflexões e vozes que traço ao longo de pesquisas desenvolvidas no Amazonas, no município de Benjamin Constant, fronteira física, social e simbólica do Brasil, do Peru e da Colômbia.

Apresento uma discussão a partir dos relatos orais de contadores de histórias populares a partir das narrativas compartilhadas, através do uso da memória e da oralidade. Aborda-se fragmentos das trajetórias de vida dos contadores, de suas lembranças, suas memórias, suas narrativas relacionadas ao contexto da floresta, dos altos rios, de pescadores, de caçadores, de pessoas encantadas, assombrações, contos fantásticos e lendários, por meio de suas vivências cotidianas e das relações sociais e geracionais forjadas a partir de um passado coletivo e recontadas no presente.

Realiza-se uma análise e discussão diante dessa arte do narrar por essas “pessoas antigas” dentro das teorias antropológicas, para pensar e para compreender as influências das histórias e as relações sociais e simbólicas dos seres intangíveis no cotidiano dos próprios narradores, e ao tempo de como a representatividade do imaginário popular fortalece e dinamiza uma cultura marcada por processos geracionais.

Entendo assim como LÉVI-STRAUSS (2004) em seus estudos mitológicos que os elementos constituintes dos mitos e narrativas são em suma compostos por: palavras da língua ou oralidade, performance, por sujeitos visíveis e intangíveis da natureza ou de um cosmo “mundo espiritual”, e na construção de relações entre humanos e não-humanos as experiências da vida social.

2. METODOLOGIA

Referente à metodologia dentro da pesquisa, utilizou-se as abordagens de interação social entre pesquisador e informante, trabalhando também com as técnicas de entrevistas, pesquisa participante, observação participante e a história oral, permitindo de tal maneira a coleta dos dados. Propondo também o estudo uma pesquisa de cunho etnográfico, conforme atesta Malinowski (1978, p.24) “o

recurso do etnógrafo é coletar dados concretos sobre todos os fatos observados e através disso formular as inferências gerais”.

Em relação à observação dentro da pesquisa de campo salienta RÚDIO (1998): “deve-se considerar a observação como ponto de partida para todo estudo científico e meio para verificar e validar os conhecimentos adquiridos. Não se pode, portanto falar em ciência sem fazer referência à observação” (1989, p.39). Desta maneira, observar a realidade cotidiana dos narradores da cultura popular nos leva a compreender, a conhecer suas vidas, suas narrativas e as relações sociais.

No que diz respeito às entrevistas, foram realizadas através de um roteiro de perguntas abertas, pois acredito que com esta técnica HAGUETTE (1990), me possibilitou coletar inúmeras informações, que certamente contribuíram para os questionamentos levantados durante a pesquisa.

Não optei por questionários porque achei desnecessário restringir meus informantes contadores a perguntas que não iriam beneficiar muito meu estudo ou delimitar os dados, visto que com uma maior quantidade de instrumentos coletados no campo a pesquisa iria ter mais fundamentação para os questionamentos.

Utilizei instrumentos tecnológicos como: máquina fotográfica, gravador de voz, e tomei os cuidados necessários explicando para eles que os materiais apenas iriam servir para fins de pesquisa acadêmica.

Em relação ao campo é importante à discussão que faz Roberto Cardoso de Oliveira (2002), ao salientar a necessidade e importância de três elementos essenciais que o pesquisador deverá dominar, são eles: o olhar, o ouvir e o escrever, a relação entre estas dimensões (epistemológica, metodológica e textual), são em suma determinante para analisar, discutir, evidenciar e apresentar os fenômenos sociais de uma pesquisa. Esses três elementos se dependem conectam e são condicionantes para uma boa etnografia densa.

Entretanto, as análises das narrativas foram por meio dos discursos orais de meus interlocutores, possibilitando o estudo de como as narrativas são contadas nos seguintes fragmentos: tempo, espaço, situação das narrativas contadas. Contextualizar através das histórias narradas os aspectos culturais e sociais que circulam neste meio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrevendo um pouco do contexto de vida desses contadores de histórias benjaminenses e de onde estão localizados, é possível identificar que muitos de nossos interlocutores são antigos soldados da borracha, indígenas, agricultores e pescadores. Alguns deles residem em bairros do Município de Benjamin Constant, cito: Colônia, Cohabam, Coimbra e Centro, outros na região ribeirinha da cidade. Muitos sobrevivem da agricultura, da pesca e de programas do Governo Federal (aposentadoria e bolsa família).

Para BENJAMIN, (1987), o narrador é aquele que viaja e que tem muito a contar de suas aventuras. No conhecimento popular, o narrador é a pessoa que vem de muito longe, por isso, tem inúmeras histórias para contar. Os contadores de história que fazem parte desta pesquisa saíram de um local onde aprenderam com seus pais, vizinhos, avós e entre outros atores sociais a contar histórias, viveram uma vida árdua no meio da floresta. Este contexto de vivência cotidiana representa bem os estilos de vidas dos contadores de Benjamin Constant. Desta forma, podemos considerar dois tipos de contadores: os que viajaram de muito longe e os que permanecerem por um bom tempo em um único local, adquirindo assim as histórias que conhecem.

Muitas dessas narrativas contadas são influenciadas pelo contexto ribeirinho, pois muitos narradores residiam e residem nessa localidade, que também se torna o cenário de protagonismo das histórias, também pela diversidade cultural amazônica de rios, lagos, etnias e pela própria geografia. Há influência e presença do regionalismo amazônico como elementos contextuais remetendo-se à natureza, aos rios, à cobra grande, aos botos, às festas, é visível também a presença e a influência da religião católica nessas histórias contadas.

As relações entre religiosidade e fé, também estão presentes nessas histórias, os embates entre bem e o mal, a credence em espíritos da floresta, marcam uma inter-relação entre homem e natureza. Os espaços onde acontecem os atos são marcados pela forte presença do simbolismo representado pelos animais e outros seres da natureza como a coruja, a onça, curupira e outros permitindo uma dinâmica e um equilíbrio entre cultura e natureza. GEERTZ (1989) ressalta que devemos não só entender o simbolismo como um simples ato, mas sim sua relação e significação desse objeto como ser representativo para uma determinada sociedade ou grupo. Percebe-se que essas formas simbólicas têm significados importantes para esses grupos, em ações coletivas, individuais e na própria representação de suas identidades. Desta forma, cabe então compreender as formas simbólicas de cada grupo através do sentido e da representação de seus significados.

Dentro dos estudos sobre narrativas é possível identificar através das histórias narradas pelos contadores uma imensa diversidade de elementos e contextos que remetem primeiro a um lugar; segundo a uma situação; terceiro a um estado (natural, sobrenatural, visível ou invisível); quarto a elementos ou contextos indígenas ou não indígenas e quinto a vitórias e perdas; muitas das narrativas contadas tratam das histórias de pescador; de caçador; de indígenas; da natureza, das lendas urbanas.

LÉVI-STRAUSS (1996) entende as histórias como recursos da vida tribal de um grupo, com suas expressões e manifestações culturais que merecem ser analisadas como a função determinante e gerenciadora da vida em sociedade, pois essas histórias revelam a origem de um passado e o funcionamento de uma cultura que se forjou.

As histórias de vida contadas por esses agentes sociais representam um relato real, vivido e compartilhado pelas suas experiências enquanto contadores. Marcam uma trajetória inicial de algo que aconteceu em um passado distante, recontado em um tempo ou espaço chamado de presente, que vive sendo moldado e transformado, em uma dinâmica que muitas vezes a memória, a oralidade e a lembrança não conseguem acompanhar seu ritmo.

MARSHALL SAHLINS (2003) nos remete a noção de mito sendo também uma atualização em práticas contemporâneas, se encontra no passado, mas é recontando através de uma nova leitura mediante a memória coletiva para o mundo em que vive.

Nas histórias de vida transparece uma realidade sofrida, demonstra à luta, perdas e ganhos, o trabalho árduo na roça, a constituição familiar e social, as origens familiares, a relação de parentesco, afetividade, relações de subsistências, representam mundos distintos (mundo ribeirinho/ caboclo e urbano) marcados pelos diversos diálogos colhidos.

Referente à interação das histórias de vidas com os elementos das narrativas contadas, ambas se relacionam e se cruzam em determinados momentos como: 1-o local onde se passa a história é o mesmo lugar onde nasceram esses contadores, no caso, o seringal, os altos rios, pequenas comunidades ribeirinhas e o próprio contexto urbano amazonense; 2-as relações de forças e relações econômicas presentes nas narrativas, também aparecem na

trajetória de vida desses contadores como os meios de subsistência, a vida árdua e os embates com outros grupos sociais; 3-Algumas histórias se passaram com os contadores, sendo relatos vividos; 4-a dinâmica do contexto das histórias contadas influenciam de certa forma na vida dos contadores quanto a credence nos espíritos da floresta, preservação da natureza, o fortalecimento da religiosidade, auxilia na construção do discurso e entre outros aspectos; 5-as lembranças como mecanismos de sentimentos e emoções.

4. CONCLUSÕES

Torna-se a pesquisa relevante para os estudos culturais, sobre cosmologia, identidade, memória e oralidade, propondo pensar a realidade cultural, o mundo sobrenatural, o visível e invisível, as experiências sociais partir do “outro”, dando significados a rumos tão distantes de nossos olhares. É acima de tudo convidar à antropologia, a sociologia, a história e a literatura para possíveis reflexões, instigando a conhecer as práticas culturais e memórias daqueles que vivem na região do Amazonas, para uma discussão acerca da diversidade de interpretações construídas em um latente e complexo diálogo com o corpo, com o discurso e com a memória desses contadores de narrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador-Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov - Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense (1987).

GEERTZ, Clifford. **“Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”**. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. - 2ªed. Editora Vozes. Petrópoles. 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 5ªed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

-----, **O Cru e o Cozido. Mitológicas I**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia**; prefácio de ser James George Freazer; Tradução de Anton. P. Carr e Lígia Aparecida Cardiere Mendonça; revisão de Eunice Ribeiro Durhan – 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **“Olhar, ouvir, escrever”** In **O trabalho do antropólogo**. São Paulo, Editora: UNESP, (2002).

RÚDIO, Víctor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa científica**. Petrópolis, Editora: Vozes, 2013.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.